

Lusofone

A máquina, o mecanismo que levo agora  
me dirá a que horas chegarei à cidade:  
o relógio é aquele mesmo que trazias  
nos dias de passeio, do outro lado,  
o pulso é outro, o tempo é rio,  
o comboio chega à estação.

Olhando os ponteiros sobre o mostrador,  
sob o vidrilho, olharei como os olhavas?  
Olharei a cidade em que foste menino  
como olhavas o menino sentado à mesa –  
onde aprendia as quatro operações,  
e aprendia a comer em sociedade.

Hoje vou à tua cidade  
irei também ao hospital, à procura dum papel  
que mostre, agora do outro lado,  
dados numéricos, geográficos,  
pra completar o que sabemos  
da existência tua:  
aquilo que não sei e não está  
nos papéis que trouxe comigo.

Teu olhar veio de longe  
pousar sobre números em relógios  
edifícios e pessoas  
contas em papéis  
olhar de amor que foi crescer  
longe de casa, já noutra casa  
cada vez mais tua, de um lado a outro, o mar no meio  
de cima abaixo, terra ao céu

Que foi crescer na matéria do ar  
vertical como a cidade que encontro  
de início, e sempre tua em minha hora:  
o que já se vai ver aqui  
são os muitos, inúmeros detalhes  
da cidade dita escura, para mim cidade tua,  
esta cidade do Porto

## II.

Eu sonhei que eu agora 'tou relax,  
acabou a sanha da gramática  
vim pra cá, cheguei ao norte  
e foi por amor, ela vai se lembrar

No sonho outras coisas se diziam,  
saindo duma fonte esculpida na pedra  
e o ar que chegava ao rosto vinha de mar e vinha de rio,  
batia em pinheiros no castro e voltava a Viana

Vou dizer outras palavras ou as mesmas  
de outro jeito, num remanso,  
onde a água faça a curva de descanso  
faça a pausa, diga versos sob a ponte

Grafe-se na areia um dialeto  
e, vindo um vento, vire páginas  
toque sinos, percutindo na distância  
os ouvidos de uma gente periférica

Cá estamos, nas margens de tudo,  
e não é mau que seja assim  
(mais longe da ambição, que tudo atropela)  
Ai, se a inveja matasse,  
eu ficava por aqui, em Viana do Castelo